**PORTUGUÊS**

**Nome e afiliação institucional**

Mónica Catarina Soares, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

**Nota biográfica**

Doutoranda no Centro de Estudos Sociais desde 2015 no programa ‘Direitos humanos nas sociedades contemporâneas’, com tese de doutoramento que explora e cruza conceitos como utopias concretas, autonomia e resistência quotidiana. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Portuguesa (2013) e membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses (2015).

Foi docente convidada da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica do Porto (de 2012 a 2018). Integrou também projetos de investigação na área da criminologia e justiça juvenil tanto no Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano (UCP, de 2013 a 2015) como no Centro de Investigação em Ciência Política (UM, em 2016).

Nos últimos anos, tem colaborado, na qualidade de investigadora e estudante de doutoramento visitante, com universidades tais como a Universidad Nacional de La Plata (Argentina, 2020), a Benemérita Universidad Autonoma de Puebla (México, 2017-2019) e o Centro de Estudos Comunitarios da Universidad Central de Las Villas (Cuba, 2016-2017).

**Palavras-chave**

Autonomias; autogestão; resistência; prefiguração; capitalismo; Estado;

**Titulo**

Reivindicando autonomia, praticando autogestão: As (im)possibilidades de gerar resistência “contra-dentro-mais além” do Estado

**Abstract**

O debate acerca de movimentos e iniciativas que se definem em torno ideias de autonomia e de descentralização tem-se tornado um marco incontornável na literatura sobre movimentos sociais. Vários são os exemplos que podem ser explorados: os denominados “novos movimentos sociais" (e.g., feminismo, ecologia) (Chatterton, 2006, Yates, 2015b); o *Occupy!* (Disalvo, 2015; Halverson, 2012; Juris, 2012, Pickerill & Krinsky 2012), o Movimento Antiglobalização (Graeber, 2002; Maeckelbergh, 2011) ou o Movimento das Cidades de Transição (Biddau, Armenti & Cottone 2016, Hopkins, 2011) . O Movimento Zapatista (México), o Movimento das Empresas Recuperadas (Argentina) e outros movimentos camponeses e indígenas em todo o mundo, como é o caso do Movimento dos Sem-Terra (Brasil) (cf. Böhm, Dinerstein & Spicer 2010), expressam também eles um etos de ação política autonomista. Mas como se constrói a ideia de autonomia no seio destes movimentos e dos seus diversos projetos quando reconhecemos um mundo governado por Estados-nação e pelo capitalismo? Como se constituem estes discursos reivindicativos de autonomia? Que alternativas buscam e que (im)possibilidades de ação encontram quando se alinham “contra-dentro-e-mais além” do Estado?

Podemos admitir que movimentos e iniciativas autonomistas dependem, em larga escala, de uma dinâmica política de “negação-criação” na qual o principal compromisso é criar e ampliar fissuras ao capitalismo (Holloway, 2010) ao gerar antagonismo em relação ao “(…) trabalho, ao capital; às mediações de partidos políticos, sindicatos, do Estado e de classes sociais dominantes (…) ”(Thwaites, 2011; 157 - 159). A autonomia diz então respeito ao que é negado e às (im)possibilidades de amplificá-lo, isto é uma busca permanente de um projeto que não pode ser totalmente alcançado. Ainda assim, este paradoxo confere forma e alimenta o potencial construtivo de outras relações sociais que, num dado tempo e espaço, não podem ser facilmente assimiladas dentro da lógica totalizante do Estado e do capitalismo (Dinerstein, 2013a; Tischler, 2013). O etos político da ação está sempre capturado numa lógica de ação que está “contra-dentro-e-mais além” do Estado e do capitalismo.

Face ao exposto, numa primeira parte, este trabalho tenta discutir a ideia e os múltiplos significados de autonomia construída “contra-dentro-mais além” do Estado, assim como a sua pertinência para teorizar acerca de movimentos e iniciativas que se regem segundo princípios de ação prefigurativos, que praticam a autogestão na sua organização quotidiana e que pretendem dirigir a sua ação política à margem do Estado e de uma forma descentralizada. Não obstante, estes movimentos e iniciativas impreterivelmente germinam dentro dos limites dos Estados-nação modernos e necessitam assim de articular-se com diferentes instituições público-estatais. Numa segunda parte, tendo em conta trabalho de campo realizado no âmbito de projeto de doutoramento intitulado “Imagining and crafting for worlds ahead: Prefigurative utopias as practices of imagination-in-action in Portugal and Spain”, discorre-se uma discussão baseada em torno da experiência de projetos em Portugal (i.e., Rés-da-Rua, Assembleia de Ocupação de Lisboa, Cooperativa A Minga) e Espanha (i.e., Can Batlló, Can Masdeu, Cooperativa Integral Catalã), cujo o objetivo é tecer uma análise crítica acerca das contradições, (im)possibilidades, potencialidades e dificuldades a nível da articulação destas iniciativas com instituições e entidades que representam o Estado e o capitalismo.

**ENGLISH**

**Name and institution**

Mónica Catarina Soares, Centre for Social Studies, Portugal

**Biographical note**

PhD student at the Center for Social Studies since 2015 in the program "Human Rights in Contemporary Societies" with a PhD thesis which explores and articulates concepts such as concrete utopias, autonomy and everyday resistance. Mónica has a master in Psychology from the Portuguese Catholic University (2013) and an effective member of the Order of Portuguese Psychologists (2015).

She was an invited lecturer at the Faculty of Education and Psychology of the Catholic University of Porto (from 2012 to 2018). She has also been involved in research projects in the area of ​​criminology and juvenile justice both at the Center for Human Development Studies (UCP, 2013-2015) and at the Center for Political Science Research (UM, 2016).

In recent years, she has collaborated as a visiting researcher and PhD student with universities such as the Universidad Nacional de La Plata (Argentina, 2020), the Benemérita Universidad Autonoma de Puebla (Mexico, 2017-2019) and with the Centre for Communitarian Studies at the Central University of Las Villas (Cuba, 2016-2017).

**Key-words**

Autonomies; self-management; resistance; prefiguration; capitalism; state

**Title**

Claiming autonomy, practicing self-management: On the (im)possibilities of generating resistance “against-in-and-beyond” the state

**Abstract**

The debate about movements and initiatives which are defined around ideas of autonomy and decentralization has become a leading theme within the literature on social movements. Several examples can be pointed out on such topic: the so-called “new social movements” (e.g., feminism, ecology) (Chatterton, 2006, Yates, 2015b); Occupy! (Disalvo, 2015; Halverson, 2012; Juris, 2012, Pickerill & Krinsky 2012), the Anti-Globalization Movement (Graeber, 2002; Maeckelbergh, 2011) or the Transition Towns Movement (Biddau, Armenti & Cottone 2016, Hopkins, 2011.) The Zapatista Movement (Mexico), the Recovered Enterprises Movement (Argentina) and other peasant and indigenous movements around the world, such as the Landless Movement (Brazil) (cf. Böhm, Dinerstein & Spicer 2010), have also expressed an ethos of autonomist political action. But how ​​can autonomy be constructed within these movements and their numerous projects when the world is ruled by nation-states and capitalism? How these claims of autonomy are constituted? Which kind of alternatives are they looking for and which kind of (im)possibilities for action do these movements find when they line up as being “against-within-and-beyond” the state?

One may acknowledge that autonomist movements and initiatives are largely depending on a political dynamic of “denial-creation” in which the main commitment is to create and to amplify the cracks in relation to capitalism (Holloway, 2010) while generating antagonism towards “(…) labour, the capital; the mediations of political parties, unions, the state and dominant social classes (…) ”(Thwaites, 2011; 157 - 159). Autonomy then concerns about what is denied and the (im)possibilities of amplifying it, that is a permanent search for a project that cannot be fully achieved. Yet this paradox gives shape and nurtures the constructive potential of other social relations which, at a given time and space, cannot easily be assimilated into the totalizing logic of state and capitalism (Dinerstein, 2013a; Tischler, 2013). The political ethos of action is better captured in a logic of action that is "against-within-and-beyond" the state and capitalism.

In the light of the above, this paper attempts to discuss the idea and the multiple meanings ascribed to the autonomy built “against-within-and-beyond” of the state, as well as its relevance to theorize about movements and initiatives that are governed by principles of prefigurative action, by practices of self-management in their daily organization and by intentions of directing their political action on the margins of the state in a decentralized way. Even so, they have inevitably sprouted within the limits of the modern nation-states and so they need to articulate themselves with different public-state institutions. In a second part, taking into account the fieldwork carried out under a PhD project entitled “Imagining and crafting for worlds ahead: Prefigurative Utopias as Practices of Imagination-in-Action in Portugal and Spain” we will put forward a discussion based around the experiences of several projects in Portugal (i.e., Rés-da-Rua, Assembleia de Ocupação de Lisboa, A Minga) and Spain (i.e., Can Batlló, Can Masdeu, Cooperativa Integral Catalã), which aims to provide a critical analysis on the contradictions, (im) possibilities, potentialities and difficulties found in the articulation of these initiatives with institutions and entities that represent the state and capitalism.